

“Não há mais dúvida: Louise Penny está entre os melhores autores de livros policiais da atualidade.” - *WINNIPEG FREE PRESS*

LOUISE PENNY

O BELO MISTÉRIO

— UM CASO DO INSPETOR GAMACHE —
Série com mais de 18 milhões de livros vendidos

*Este livro é dedicado àqueles que se ajoelham
e àqueles que se levantam.*

PRÓLOGO



NO INÍCIO DO SÉCULO XIX, a Igreja Católica percebeu que tinha um problema. Talvez, deve-se admitir, mais de um. Mas o problema que a preocupava naquela época tinha a ver com o Ofício Divino, que consistia em oito momentos de cânticos no dia a dia das comunidades católicas. Cantochão. Canto gregoriano. Canções simples cantadas por monges humildes.

Para resumir a história: o Ofício Divino da Igreja Católica havia se perdido.

Os diversos serviços religiosos do dia ainda eram realizados. O chamado canto gregoriano era entoado aqui e ali em alguns mosteiros, mas até mesmo Roma admitia que ele havia se afastado tanto dos originais que poderia ser considerado corrompido, bárbaro até. Pelo menos em comparação com os elegantes e graciosos cânticos de séculos antes.

Porém um homem tinha uma solução.

Em 1833, um jovem monge, Dom Prosper, reavivou a Abadia de St. Pierre, em Solesmes, na França, e assumiu a missão de trazer o canto gregoriano original de volta à vida.

Mas isso gerou outro problema. Após investigar bastante, o abade acabou descobrindo que ninguém sabia mais como eram os cânticos originais. Não havia registro escrito. Eles eram tão antigos, com mais de mil anos, que precediam a notação musical. Tinham sido decorados e transmitidos oralmente, após anos de estudo, de monge para monge. As melodias eram simples, mas havia força naquela simplicidade. Os primeiros cânticos eram tranquilizadores, contemplativos, magnéticos.

Tinham um efeito tão profundo em quem os cantava e os ouvia que ficaram conhecidos como “o belo mistério”. Os monges acreditavam que

estivessem cantando a Palavra de Deus, na voz calma, tranquilizadora e hipnótica de Deus.

O que Dom Prosper sabia era que, em algum momento do século IX, mil anos antes do nascimento dele, um irmão monge também havia contemplado esse mistério. Segundo a tradição da Igreja, aquele monge anônimo tinha recebido a visita de uma ideia inspirada. Ele faria um registro por escrito dos cânticos, para que fossem preservados. Muitos de seus noviços de cabeça oca cometiam erros demais tentando aprender o cantochão. Se as letras e a música eram mesmo divinas, como ele acreditava de todo o coração, então precisavam ser guardadas em um lugar mais seguro que em mentes humanas tão cheias de defeitos.

Em sua cela de pedra na abadia, Dom Prosper era capaz de ver esse monge sentado em um cômodo exatamente como aquele. Imaginava o monge puxando para si um pedaço de pele de cordeiro, um velino, e mergulhando em tinta a pena afiada. Ele escreveu a letra, o texto – em latim, é claro. Os salmos. E, depois de fazer isso, voltou ao princípio. À primeira palavra.

Sua pena pairou sobre ela.

E agora?

Como escrever música? Como poderia comunicar algo tão sublime? Ele tentou escrever instruções, mas era complicado demais. Palavras por si sós jamais conseguiriam descrever como aquela música transcendia o estado normal de homem e o elevava ao Divino.

O monge estava completamente perdido. Por dias, semanas, seguiu com sua vida monástica, unindo-se aos outros em oração e trabalho. E mais oração. Entoando o Ofício. Ensinando os jovens e distraídos noviços.

Então, um dia, o monge percebeu que eles prestavam atenção em sua mão direita enquanto ele guiava as vozes. Para cima, para baixo. Mais rápido, mais devagar. Mais baixo, baixinho. Eles memorizavam a letra, mas dependiam de seus sinais manuais para executar a música em si.

Naquela noite, depois das Vésperas, esse monge anônimo se sentou à preciosa luz das velas, observando os salmos escritos com tanto cuidado no velino. Então mergulhou a pena na tinta e desenhou a primeira nota musical.

Era uma ondulação em cima de uma palavra. Uma linha única, curta, sinuosa. Depois outra. E mais outra. Ele desenhou a própria mão. Estilizada. Guiando um monge invisível a elevar a voz. Mais alto. Em seguida, a manter

o tom. Depois a elevar de novo. Ficar lá por apenas um instante, depois se precipitar e mergulhar em uma vertiginosa descendente musical.

Ele cantarolava enquanto escrevia. Seus gestos simples agitavam-se na página, fazendo as palavras ganharem vida e alçarem voo. Pairarem no ar. Jubilosas. Ouviu vozes de monges ainda não nascidos juntando-se a ele. Cantando exatamente os mesmos cânticos que o libertaram e elevaram seu coração aos Céus.

Ao tentar capturar o belo mistério, aquele monge inventara a notação musical. Ainda não eram notas; os símbolos que ele escreveu ficaram conhecidos como neumas.

Ao longo dos séculos, esse cântico simples se tornou mais complexo. Foram incluídos instrumentos, harmonias, o que levou a acordes e pautas e, finalmente, às notas musicais. Dó ré mi. Nascia assim a música moderna. Os Beatles, Mozart, rap. Música disco, musicais como *Bonita e valente*, Lady Gaga. Tudo isso surgiu da mesma semente ancestral. De um monge desenhando a própria mão. Cantarolando, regendo as vozes, esforçando-se para alcançar o Divino.

O canto gregoriano foi o pai da música ocidental. Mas acabou sendo morto por seus filhos ingratos. Enterrado. Perdido e esquecido.

Até o início do século XIX, quando Dom Prosper, indignado com o que considerava a vulgaridade da Igreja e a perda da simplicidade e da pureza, decidiu que estava na hora de ressuscitar o canto gregoriano original. Encontrar a voz de Deus.

Seus monges se espalharam pela Europa. Vasculharam mosteiros, bibliotecas e coleções. Com um único objetivo: encontrar o manuscrito original.

Os monges voltaram com vários tesouros antes perdidos em coleções e bibliotecas remotas. E, finalmente, Dom Prosper decidiu que um livro de cantochão, escrito em neumas desbotados, era o original. O primeiro e talvez único registro escrito de como o canto gregoriano teria soado. Era um pedaço de pele de cordeiro com quase mil anos.

Roma discordou. O papa havia conduzido sua própria busca e encontrado outro registro escrito. Ele insistia que sua mostra de velino esfarrapado informava como o Ofício Divino deveria ser cantado.

E assim, como muitas vezes acontece quando os homens de Deus dis-

cordam, uma guerra irrompeu. Rajadas de cânticos foram lançadas entre o mosteiro beneditino de Solesmes e o Vaticano, cada lado insistindo que seu manuscrito estava mais próximo do original e, portanto, do Divino. Acadêmicos, musicólogos, compositores famosos e humildes monges opinaram sobre o assunto, escolhendo lados na crescente batalha que logo seria mais sobre poder e influência do que sobre simples vozes elevadas à glória de Deus.

Quem havia encontrado o canto gregoriano original? Como o Ofício Divino deveria ser cantado? Quem possuía a voz de Deus?

Quem estava certo?

Finalmente, após alguns anos, um silencioso consenso surgiu entre os acadêmicos. E foi reprimido mais silenciosamente ainda.

Nenhum deles estava correto. Embora os monges de Solesmes quase com certeza estivessem muito mais próximos da verdade que Roma, ao que tudo indicava nem eles haviam chegado lá. O que eles tinham encontrado era histórico, inestimável – mas estava incompleto.

Porque faltava uma coisa.

Os cânticos tinham palavras e neumas, indicações de quando as vozes monásticas deveriam ser erguidas ou suavizadas. De quando uma nota era mais alta ou mais baixa.

O que eles não tinham, porém, era um ponto de partida. Mais alto a partir do quê? Mais forte em relação a quê? Era como encontrar um mapa do tesouro com um X indicando exatamente o ponto de chegada. Mas não o de partida.

No princípio...

Os monges beneditinos de Solesmes rapidamente se estabeleceram como o novo lar dos antigos cânticos. O Vaticano por fim cedeu e em poucos anos o Ofício Divino reconquistou espaço. Ressuscitado, o canto gregoriano se espalhou pelos mosteiros do mundo todo. A música simples oferecia um conforto genuíno. Um canto plano e uniforme em um mundo cada vez mais ruidoso.

E, assim, o abade de Solesmes faleceu em silêncio, sabendo duas coisas. Que havia realizado algo importante, poderoso e significativo. Ele revivera uma tradição bonita e simples. Devolvera os cânticos corrompidos ao seu estado de pureza e ganhara a guerra contra a imponente Roma.

Mas ele também sabia, no fundo do coração, que, embora tivesse ganhado,

não havia sido bem-sucedido. O que todos agora consideravam ser o canto gregoriano genuíno era quase isso, sim. Quase divino. Mas não exatamente.

Já que não tinha um ponto de partida.

Dom Prosper, ele próprio um músico talentoso, não conseguia acreditar que o monge que codificara os primeiros cânticos não tivesse dito às gerações seguintes por onde começar. Podia-se deduzir. E todos fizeram isso. Porém não era o mesmo que saber.

O abade argumentara apaixonadamente que o *Livro de Cânticos* que seus monges haviam encontrado era o original. Mas agora, em seu leito de morte, ousava se questionar. Dom Prosper imaginava aquele outro monge, vestido exatamente como ele agora, debruçando-se à luz das velas.

O monge teria terminado o primeiro cântico após ter criado os primeiros neumas. E depois? Enquanto perdia e recuperava a consciência, entrando e saindo deste mundo e do próximo, Dom Prosper soube o que aquele monge teria feito. O monge anônimo teria feito o que ele próprio teria feito.

Dom Prosper viu, com mais clareza que os irmãos que cantavam preces suaves sobre seu leito, aquele monge havia muito falecido debruçar-se na escrivaninha. Voltar ao princípio. À primeira palavra. E fazer uma marca a mais.

Bem no fim de sua vida, Dom Prosper soube que havia um princípio. Mas caberia a outra pessoa encontrá-lo. Solucionar o belo mistério.

UM



QUANDO A ÚLTIMA NOTA DO CÂNTICO escapou da Capela Santíssima, um grande silêncio se instalou e, com ele, uma inquietação ainda maior.

O silêncio se estendeu. E se estendeu.

Mesmo para aqueles homens, acostumados ao silêncio, pareceu algo extremo.

Ainda assim, eles continuaram imóveis, com seus longos hábitos pretos e capuzes brancos.

Esperando.

Também estavam acostumados à espera. Que também lhes pareceu extrema.

Os menos disciplinados entre eles lançavam olhares furtivos para o homem alto, magro e idoso que tinha sido o último a entrar e seria o primeiro a sair.

Dom Philippe mantinha os olhos fechados. O que antes era um momento de profunda paz, um momento particular com seu Deus particular, depois que as Vigílias terminavam e ele ainda ia sinalizar o início do Ângelus, agora não passava de uma fuga.

Ele havia fechado os olhos porque não queria ver.

Além disso, já sabia o que estava ali. O que sempre estivera. O que se encontrava ali séculos antes de ele chegar e, se Deus quisesse, continuaria ali por séculos após ele ser enterrado. Duas fileiras de homens à sua frente, todos de hábito preto, capuz branco e uma corda simples amarrada na cintura.

E, à direita dele, mais duas fileiras de homens.

Postadas frente a frente, uma em cada lado do piso de pedra da capela, como antigas linhas de batalha.

Não, disse ele a sua mente exausta. Não. Não devo pensar nisso como uma batalha ou uma guerra. São apenas pontos de vista opostos. Expressos em uma comunidade saudável.

Então por que relutava tanto em abrir os olhos? Em começar o dia?

Em sinalizar o toque dos enormes sinos e anunciar o Ângelus para as florestas, os pássaros, os lagos e os peixes? Para os monges. Para os anjos e santos. E para Deus.

Alguém pigarreou.

Em meio ao profundo silêncio, pareceu uma bomba. E, aos ouvidos do abade, pareceu o que realmente era.

Um desafio.

Com algum esforço, ele manteve os olhos fechados. Continuou imóvel e em silêncio. Mas já não havia paz. Agora só havia agitação, dentro e fora. Podia senti-la vibrar nas duas fileiras de homens que esperavam e no espaço entre elas.

Podia senti-la vibrar dentro de si.

Dom Philippe contou até cem. Devagar. Então, ao abrir os olhos azuis, fitou o outro lado da capela, o homem baixo e gorducho de olhos abertos, mãos cruzadas sobre a barriga e um pequeno sorriso de infinita paciência no rosto.

O abade estreitou ligeiramente os olhos, com uma expressão irritada, depois se recompôs e, erguendo a magra mão direita, deu o sinal. E os sinos tocaram.

O som perfeito, redondo e forte deixou a torre do sino e alçou voo na escuridão do início da manhã. Deslizou pelo lago claro, pelas florestas e colinas onduladas. Para ser ouvido por todos os tipos de criaturas.

E por 24 homens, em um remoto monastério do Quebec.

Um toque de trombeta. Um chamado urgente. O dia deles havia começado.

– VOCÊ NÃO PODE ESTAR falando sério – disse Jean Guy Beauvoir, rindo.

– Estou, sim – disse Annie, assentindo. – Juro por Deus que é verdade.

– Você está me dizendo – perguntou, pegando da travessa outro pedaço de bacon curado no xarope de bordo – que o seu pai deu um tapetinho de banheiro de presente para a sua mãe no primeiro encontro?

– Não, não. Isso seria ridículo.

– Com certeza – concordou ele, comendo o bacon em duas mordidas.

Ao fundo tocava um velho álbum da banda de rock Beau Dommage: “La Complainte du phoque en Alaska”. Uma música sobre uma foca solitária cujo amor fora embora. Beauvoir cantarolava baixinho a famosa melodia.

– Ele deu o tapetinho para a minha avó quando eles se conheceram, em agradecimento pelo convite para jantar.

Beauvoir caiu na risada.

– Ele nunca me contou isso – conseguiu dizer, finalmente.

– Bom, meu pai não costuma mencionar esse tipo de coisa em conversas formais. Coitada da minha mãe. Ela se sentiu na obrigação de casar. Afinal, quem mais ia querer ficar com ele?

Beauvoir riu de novo.

– Então, pelo visto, as expectativas são baixíssimas. Seria difícil eu te dar um presente pior.

Ele se abaixou e pegou algo no chão, ao lado da mesa da cozinha ensolarada. Naquele sábado, eles tinham feito o café da manhã juntos. Na pequena mesa de pinho havia uma travessa com bacon, ovos mexidos e brie derretido. No início daquele dia de outono, ele tinha vestido um suéter, dobrado a esquina do apartamento de Annie e ido até a padaria da Rue St. Denis atrás de croissants e *pain au chocolat*. Em seguida, Jean Guy havia perambulado pelas lojas locais, comprado dois cafés, os jornais de Montreal e mais uma coisa.

– O que é que você tem aí? – perguntou Annie, debruçando-se na mesa. O gato saltou para o chão e encontrou um espaço onde o sol batia.

– Nada – disse ele, abrindo um sorriso largo. – Só um pequeno *je ne sais quoi* que eu vi e pensei em você.

Beauvoir ergueu o presente à vista dela.

– Seu cretino! – disse Annie, rindo. – Um desentupidor de privada!

– Com um laço de fita. Só para você, *ma chère*. Estamos juntos há três meses. Feliz aniversário de namoro.

– É claro, o desentupidor de aniversário. E eu não comprei nada para você.

– Eu te perdoo – disse ele.

Annie pegou o desentupidor.

– Vou pensar em você todas as vezes que usar. Embora eu ache que quem vai usar mais é você. Afinal, você solta cada merda...

– Muito gentil da sua parte – disse Beauvoir, abaixando a cabeça numa pequena mesura.

Annie empunhou o desentupidor, cutucando Beauvoir de leve com a ventosa de borracha vermelha como se fosse um espadachim com seu florete.

Beauvoir sorriu e tomou um gole do café aromático e forte. Aquilo era a cara de Annie. Enquanto outras mulheres poderiam ter fingido que o ridículo desentupidor era uma varinha mágica, ela o transformara numa espada.

É claro que, como Jean Guy logo percebeu, ele nunca daria um desentupidor de privada para nenhuma outra mulher. Só para Annie.

– Você mentiu para mim – disse ela, voltando a se sentar. – Meu pai obviamente te contou sobre o tapetinho de banheiro.

– Contou – admitiu Beauvoir. – A gente estava em Gaspé, no chalé de um caçador ilegal, procurando evidências, quando ele abriu um armário e encontrou não um, mas dois tapetes de banheiro novinhos em folha, ainda na embalagem.

Enquanto eles conversavam, Beauvoir encarava Annie. Os olhos dela não desgrudavam dele, mal piscavam. Ela assimilava cada palavra, cada gesto, cada inflexão. Enid, sua ex-mulher, também costumava escutá-lo, mas sempre havia uma ponta de desespero, uma exigência. Como se ele lhe devesse alguma coisa. Como se ela estivesse morrendo e ele fosse o remédio.

Enid o deixava esgotado e ainda assim se sentindo insuficiente.

Annie era mais gentil. Mais generosa.

Como o pai, escutava com atenção e em silêncio.

Com Enid, ele nunca falava de trabalho, e ela nunca perguntava. Para Annie, Beauvoir contava tudo.

Agora, enquanto passava *confiture* de morango no croissant quente, contava a ela sobre o chalé do caçador ilegal e o caso, o terrível assassinato de uma família. Contava o que eles haviam encontrado, como tinham se sentido e quem haviam prendido.

– Os tapetinhos acabaram sendo as principais provas – disse Beauvoir, levando o croissant à boca. – Embora a gente tenha levado um bom tempo para descobrir.

– Foi aí que o meu pai te contou a própria história triste de tapetinhos de banheiro?

Beauvoir aquiesceu, mastigou e tornou a ver o inspetor-chefe no chalé escuro. Sussurrando a história. Eles não sabiam quando o caçador iria voltar e não queriam ser pegos ali. Tinham um mandado de busca, mas preferiam que ele não soubesse disso. Então, enquanto faziam sua hábil revista, Gamache contara sobre o tapetinho. Sobre quando tinha ido a um dos jantares mais importantes de sua vida, desesperado para impressionar os pais da mulher por quem estava perdidamente apaixonado. E sobre como, de alguma forma, pensara que aquele fosse o presente ideal para a anfitriã.

“Como o senhor pode ter pensado uma coisa dessas?” havia murmurado Beauvoir, olhando de relance pela janela rachada e cheia de teias de aranha, torcendo para não ver o maltrapilho caçador voltando com a caça.

“Bom”, disse Gamache, para depois fazer uma pausa, obviamente tentando se lembrar do próprio pensamento, “madame Gamache vira e mexe me faz a mesma pergunta. A mãe dela também nunca se cansava de perguntar. Já o pai concluiu que eu era um imbecil e nunca mais tocou no assunto, o que foi pior. Quando eles morreram, a gente encontrou o tapetinho no armário de toalhas, ainda dentro da embalagem, com o cartão junto.”

Beauvoir parou de falar e olhou para Annie. Os cabelos dela ainda estavam úmidos do banho que eles haviam tomado juntos. Ela tinha um cheiro fresco e limpo. Como algo cítrico debaixo do sol quente. Estava sem maquiagem. Usava pantufas aconchegantes e roupas largas e confortáveis. Annie entendia de moda e gostava de se vestir bem, porém gostava mais ainda de se sentir à vontade.

Ela não era magra. Não tinha uma beleza estonteante. Annie Gamache não contava com nenhuma das coisas que sempre o haviam atraído numa mulher. Mas sabia algo que a maioria das pessoas nunca aprende: sabia como era bom estar viva.

Tinha demorado quase quarenta anos, mas finalmente Jean Guy Beauvoir também entendera. E agora ele sabia que não havia beleza maior.

Annie estava chegando aos 30. Não passava de uma adolescente desajeitada quando eles se conheceram, na época em que o inspetor-chefe levava Beauvoir para a Divisão de Homicídios da Sûreté du Québec. Entre as centenas de agentes e inspetores sob o comando do chefe, ele havia escolhido como segundo em comando aquele jovem audacioso que ninguém queria.

Ele o tornara parte da equipe e, ao longo dos anos, da família.

Embora nem mesmo o inspetor-chefe fizesse ideia de quanto Beauvoir agora pertencia à sua família.

– Bom – disse Annie com um sorriso travesso –, agora a gente tem a nossa própria história de banheiro para intrigar os nossos filhos. Quando a gente morrer, eles vão encontrar isto aqui e se perguntar por quê.

Ela levantou o desentupidor, ainda com o alegre laço vermelho.

Beauvoir não ousou dizer nada. Será que Annie fazia ideia do que havia acabado de dizer? Da facilidade com que presumira que eles teriam filhos? Netos. Morreriam juntos. Em uma casa cheirando a frutas cítricas e café. Com um gato enroscado sob o sol.

Eles estavam juntos havia três meses e nunca tinham falado do futuro. Mas agora, ouvindo, parecia natural. Como se sempre tivesse sido esse o plano. Ter filhos. Envelhecer juntos. Beauvoir fez os cálculos: ele era dez anos mais velho que ela e quase com certeza morreria antes. Ficou aliviado.

No entanto, algo o estava incomodando.

– A gente precisa contar para os seus pais – disse ele.

Annie ficou em silêncio e arrancou um pedaço do croissant.

– Eu sei. E não é que eu não queira. Mas isso também é bom. Só nós dois – disse ela, hesitando e olhando para a cozinha e para a sala de estar forrada de livros.

– Você tem medo?

– Da reação deles?

Annie fez uma pausa, e o coração de Jean Guy de repente disparou. Ele torcia para que ela dissesse que não. Que garantisse que não estava nem um pouco preocupada se os pais iriam aprovar ou não.

Mas, em vez disso, ela hesitava.

– Talvez um pouco – admitiu. – Tenho certeza que eles vão adorar, mas isso muda as coisas. Sabe?

Ele sabia, mas não tinha ousado admitir. E se o chefe não aprovasse? Não poderia impedi-los, mas seria um desastre.

Não, disse Jean Guy a si mesmo pela centésima vez, vai dar tudo certo. O chefe e madame Gamache vão ficar felizes. Muito felizes.

Mas ele queria ter certeza. Queria saber. Era da sua natureza. Beauvoir ganhava a vida coletando fatos, e aquela incerteza estava pesando sobre ele. Era a única sombra em uma vida súbita e inesperadamente luminosa.

Não podia continuar mentindo para o chefe. Havia se convencido de que não era uma mentira, estava apenas mantendo sua vida particular em particular. Mas, em seu coração, sentia que era uma traição.

– Você acha mesmo que eles vão ficar felizes? – perguntou ele, odiando a carência que havia se insinuado em sua voz.

Mas Annie não percebeu ou não se importou.

Ela se inclinou na direção dele, apoiou cotovelos e antebraços nos farelos de croissant espalhados na mesa de pinho e pegou a mão de Beauvoir. Segurou sua mão quente entre as dela.

– De saber que nós estamos juntos? Meu pai vai ficar muito feliz. É a minha mãe que te odeia...

Ao ver a expressão de Beauvoir, ela riu e apertou a mão dele.

– Estou brincando. Ela te adora. Sempre adorou. Eles te consideram parte da família, você sabe. Como um filho.

Ele sentiu as bochechas esquentarem ao ouvir aquelas palavras e ficou encabulado, mas percebeu, mais uma vez, que Annie não se importou nem fez nenhum comentário. Apenas continuou segurando sua mão e o encarando.

– Então é uma coisa meio incestuosa – conseguiu dizer ele, afinal.

– É – concordou ela, soltando a mão dele e tomando um gole de *café au lait*. – O sonho dos meus pais se tornou realidade – comentou ela, rindo, para depois tomar um novo gole e voltar a pousar a xícara na mesa. – Você sabe que eles vão adorar.

– Vão ficar surpresos também?

Annie fez uma pausa, pensando.

– Acho que eles vão ficar chocados. Engraçado, não é? Meu pai passou a vida procurando pistas, juntando as peças. Coletando evidências. Mas quando alguma coisa acontece bem debaixo do nariz dele, ele não vê. Deve ser porque está perto demais.

– Mateus 10:36 – murmurou Beauvoir.

– *Pardon?*

– É uma coisa que o seu pai sempre diz pra gente, na Homicídios. Uma das primeiras lições que ensina aos novos recrutas.

– Uma citação bíblica? – perguntou Annie. – Mas meus pais nunca vão à igreja.

– Parece que ele aprendeu isso com o mentor dele, quando entrou para a Sûreté.

O telefone tocou. Não o toque robusto do telefone fixo, mas o trinado alegre e invasivo do celular. Era o de Beauvoir. Ele correu para o quarto e pegou o aparelho na mesinha de cabeceira.

O visor não mostrava nenhum número, apenas uma palavra.

Chefe.

Ele quase apertou o pequeno ícone de telefone verde, mas hesitou. Em vez disso, saiu rápido do quarto e foi para a sala de Annie, repleta de luz e livros. Não ia conseguir falar com o chefe diante da cama onde, ainda naquela manhã, tinha feito amor com a filha dele.

– *Oui, allô* – atendeu, tentando soar despreocupado.

– Desculpa incomodar – disse a voz familiar, que conseguia ser relaxada apesar do tom de autoridade.

– De forma alguma, senhor. O que aconteceu?

Beauvoir olhou de soslaio para o relógio em cima da lareira. Eram 10h23 de uma manhã de sábado.

– Houve um assassinato.

Não era uma ligação casual. Um convite para jantar. Uma consulta sobre a equipe ou algum caso que ia a julgamento. Era um chamado à ação. Um telefonema que marcava que algo terrível havia acontecido. No entanto, por mais de uma década, todas as vezes que Beauvoir ouvia aquelas palavras, seu coração dava um salto. E acelerava. Até dançava um pouco. Não com alegria por uma morte prematura e terrível, mas por saber que ele, o chefe e os outros em breve estariam na estrada em busca de novos rastros.

Jean Guy Beauvoir amava seu trabalho. Mas agora, pela primeira vez, olhava para a cozinha e via Annie no batente da porta. Observando-o.

E percebeu, com surpresa, que agora havia algo que ele amava mais.

Ele pegou o caderninho, se sentou no sofá de Annie e anotou os detalhes. Quando terminou, olhou para o que havia escrito.

– Cruz-credo! – murmurou ele.

– Essa interjeição nunca foi tão apropriada – concordou Gamache. – Você pode tomar as providências, por favor? Vamos ser só nós dois por enquanto. A gente pega um agente local da Sûreté quando chegar lá.

– E Lacoste? Devo chamá-la? Só para organizar a equipe forense e depois ir embora?

Gamache não hesitou.

– Não – respondeu, com uma pequena risada. – Infelizmente, nós somos a equipe forense por enquanto. Espero que você lembre como se faz.

– Vou levar o aspirador de pó.

– *Bon*. Eu já peguei a minha lupa. – Fez-se uma breve pausa, e uma voz um pouco mais sombria surgiu do outro lado da linha. – A gente precisa chegar lá rápido, Jean Guy.

– *D'accord*. Vou dar alguns telefonemas e pego o senhor daqui a quinze minutos.

– Quinze? Vindo do centro da cidade?

Beauvoir congelou por um instante. Seu pequeno apartamento ficava no centro de Montreal, mas o de Annie era no quartier Plateau Mont Royal, a poucas quadras da casa dos pais dela, em Outremont.

– Hoje é sábado. Não deve ter trânsito.

Gamache riu.

– Desde quando você é otimista? Vou estar esperando, qualquer hora que você chegar.

– Vou correr.

E foi o que ele fez, telefonando, dando ordens, organizando as coisas. Depois enfiou algumas roupas em uma bolsa.

– Isso é cueca pra caramba – disse Annie, sentando-se na cama. – Você deve ficar fora muito tempo?

A voz dela era suave, mas seus modos, não.

– Bom, você me conhece... – respondeu ele, virando-se de costas para ela ao colocar a arma no coldre.

Ela sabia que ele tinha uma arma, mas não gostava de ver. Até para uma mulher que apreciava a realidade, aquilo era demais.

– ... sem a ajuda do desentupidor, talvez eu precise de mais cuecas brancas. Ela riu, deixando-o feliz.

Na porta, ele parou e colocou a bolsa no chão.

– *Je t'aime* – sussurrou ele no ouvido dela enquanto a abraçava.

– *Je t'aime* – sussurrou ela no ouvido dele. – Se cuida – disse Annie enquanto eles se separavam.

E então, quando ele estava na metade da escada, ela gritou:

– E, por favor, cuida do meu pai!

– Cuido. Prometo.

Assim que ele foi embora e ela não conseguia mais ver a traseira do carro, Annie Gamache fechou a porta e levou a mão ao peito.

Ela se perguntou se era assim que a mãe havia se sentido todos aqueles anos.

E naquele exato momento, será que também estava encostada na porta, depois de ver seu coração ir embora? De deixá-lo ir?

Então Annie foi até as estantes de livros que cobriam as paredes da sala. Após alguns minutos, encontrou o que procurava. A Bíblia que os pais lhe deram quando fora batizada. Para pessoas que não iam à igreja, eles até que seguiam muitos rituais.

E ela sabia que, quando tivesse filhos, também os batizaria. Ela e Jean Guy dariam a eles as próprias Bíblias brancas, com o nome deles e as datas de batismo inscritos.

Ela olhou para a grossa primeira página. Dito e feito, lá estava o nome dela. Anne Daphné Gamache. E uma data. Na caligrafia da mãe. Mas, em vez de uma cruz embaixo do nome, os pais tinham desenhado dois coraçõezinhos.

Então se sentou no sofá e, bebericando o café agora frio, folheou o livro desconhecido até encontrar.

Mateus 10:36.

– *Os inimigos do homem* – leu em voz alta – *serão os da sua própria família.*

CONHEÇA OS LIVROS DE LOUISE PENNY

Estado de terror (com Hillary Clinton)

SÉRIE INSPETOR GAMACHE

Natureza-morta

Graça fatal

O mais cruel dos meses

É proibido matar

Revelação brutal

Enterre seus mortos

Um truque de luz

O belo mistério

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

